

O MAGISTÉRIO DE FRANCISCO COMO RECEPÇÃO DA ECLESIOLOGIA DO CONCÍLIO VATICANO

Francisco Valci de Queiroz Belarmino¹

José Alves Paiva Júnior Coautor²

Antonio Wauleson Pereira Coautor³

RESUMO

O Concílio Ecumênico Vaticano II constitui-se como um evento que marcou a história da Igreja. É ponto de partida para uma nova estação eclesial. Passados mais de cinquenta anos, a Igreja encontra-se ainda em um perene processo de recepção das intuições de renovação e mudanças implicadas pelo Concílio. Sendo assim, o objetivo deste trabalho consiste em apontar alguns aspectos do magistério do Papa Francisco como recepção criativa de perspectivas eclesiológicas do Vaticano II. Para tanto, o estudo fundamenta-se em revisão de literatura conciliar dialogando com a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* do Papa Francisco. Os resultados da pesquisa apontam para o fato de que, mesmo não tendo participado diretamente do Concílio, Francisco acolhe suas intuições e perspectivas de renovação eclesial, sobretudo na maneira de compreender a Igreja como sendo a comunhão entre todos os batizados: o povo de Deus. Com este trabalho, espera-se contribuir tanto para ampliar a hermenêutica da literatura conciliar como para o explorar o magistério de Francisco no horizonte de recepção da renovação da Igreja em curso desde o Vaticano II.

PALAVRAS-CHAVE: Vaticano II. Eclesiologia. Papa Francisco.

1 INTRODUÇÃO

Após a realização do Concílio Vaticano II, marco da renovação da Igreja, seguiu-se o longo e até hoje perene processo de recepção das tarefas de renovação da Igreja indicadas pelo Vaticano II. Passados mais de 50 anos da realização do concílio eclesiológico da Igreja no século XX, nota-se no magistério do Papa Francisco uma abertura e um decisivo compromisso em levar adiante o movimento de renovação proposto pelo Concílio.

¹ Licenciado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Graduando em Teologia pela Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN). Membro do Grupo de Estudos em Teologia e Ciências da Religião: hermenêuticas e práticas emancipatórias do curso de Teologia da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN). E-mail: valcibelarmino@gmail.com

² Mestre em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) com bolsa PROSUP/CAPS. Líder do Grupo de Estudos em Teologia e Ciências da Religião: hermenêuticas e práticas emancipatórias do curso de Teologia da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN). E-mail: paivajunior19@gmail.com.

³ Bacharel em Teologia pela Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN). Mestrando em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), bolsista PROSUP/CAPS. Membro do Grupo de Estudos em Teologia e Ciências da Religião: hermenêuticas e práticas emancipatórias do curso de Teologia da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN). E-mail: awpantonio12@gmail.com

Assim, este trabalho pretende apontar os aspectos nos quais o magistério do Papa Francisco constitui-se como recepção criativa e impulsionadora da eclesiologia do Concílio em questão. Mesmo não estando presente nos trabalhos do Concílio, Francisco, se mostra atento às principais características eclesiológicas que lá foram pensadas e disposto a fazer com que a Igreja em sua missão seja pautada pela coerência evangélica, caminhando em sinodalidade e comunhão.

Dessa forma, o trabalho se estrutura em dois tópicos: o primeiro mostra como o Papa Francisco acolhe de maneira significativa as intuições conciliares e vai aos poucos imprimindo as mudanças necessárias na Igreja; o segundo apresenta as principais intuições do Concílio Vaticano II no magistério de Francisco, principalmente no que diz respeito a eclesiologia.

2 FRANCISCO: O PAPA DO CONCÍLIO VATICANO II

O Concílio Vaticano II representou e ainda representa uma verdadeira primavera para a Igreja, do qual ainda podemos sentir o frescor e o doce aroma que exalou desse tão feliz acontecimento divinamente pensado e iniciado pelo amável “Papa bom” João XXIII. Desde a realização do Vaticano II até hoje, os pontífices que se sucederam, ao seu modo, tentaram imprimir na Igreja aquilo que foi decidido pelo Concílio. No entanto, constatamos na história, que isso não tem sido tarefa fácil, pois, 50 anos já se passaram e muitas das decisões, intuições e proposições tomadas pelo Concílio ainda não foram postas em prática.

Dentro dessa perspectiva, se encontra o Papa Francisco, que apesar de não ter tomado parte nos trabalhos do Concílio, “retoma e relança com entusiasmo e frescor as intuições maiores do Concílio Vaticano II, atualizadas para a situação e desafios do momento presente” (AURÉLIO, 2016, p. 9). Com isso,

Querendo percorrer e estudar qual é a visão eclesiológica subjacente nos documentos principais e nas intervenções do Papa Francisco, é o bastante para declarar, imediatamente, e de maneira sintética, que nela se está lutando com uma nova fase de recepção do ensinamento eclesiológico expresso pelo Vaticano II (REPOLE, 2018, p.16).

Sem dúvida, a eleição do Papa Francisco representou uma nova primavera no jardim da Igreja, que na tarde do dia 13 de março de 2013 viu o início do desabrochar de uma nova era eclesial. A partir do momento em que o Papa eleito se apresentou para todo o mundo em trajes simples, por nome de Francisco, intitulado-se não como sumo pontífice, mas como “bispo” de Roma e pedindo a oração dos fiéis pelo seu ministério, já foi possível sentir o frescor de novos ares para a Igreja, com certeza advindos da sua inconfundível personalidade encarnada na história do povo latino americano, chão que sentiu por primeiro os abalos das inspiradas intuições do Concílio Vaticano II.

Vendo os seus gestos, lendo os seus documentos e escutando as suas intervenções, transparece uma visão de Igreja profundamente enraizada nas perspectivas abertas pelo último Concílio, pela rica teologia que o precedeu e por aquela se seguiu [...] Isso não significa que as perspectivas oferecidas por Francisco estejam privadas de certa originalidade. Pode-se, ao contrário, afirmar que elas remontam ao lugar do qual Jorge Mário Bergoglio provém, aquele “fim de mundo”, isto é a qual se referiu na sua primeira aparição pública, na noite da eleição ao sólio pontifício (REPOLE, 2018, p. 16).

Com isso, a recepção do Concílio Vaticano II entra numa fase marcada pela grande criatividade evangélica do Papa Francisco, que abraça o sonho de uma Igreja que assuma genuinamente a sua missão de ser luz para todos os povos, retornando ao seu ideal primeiro, ou seja, uma igreja missionária que vai ao encontro de todos. “Além disso o próprio fato de que exista um papa proveniente da América Latina, que possa valorizar a experiência daquela Igreja, além da elaboração teológica ali desenvolvida, já é o primeiro fruto do Concílio” (REPOLE, 2018, p. 18).

Os gestos de Francisco são sempre muito fortes e cheios de significados e refletem seu modo de vida e compromisso com a missão de ser pastor universal da Igreja Católica. É importante dizer o que dissemos anteriormente porque na base de seus gestos e palavras são notáveis as inspirações conciliares. “Furtar-se a perceber isso, ou deixar de aderir ao grande momento eclesial que vivemos atualmente e que está em linha de continuidade com a história conciliar, é perder o bonde da História” (AURÉLIO, 2016, p. 21).

Seguindo os passos do mestre Jesus, o Papa Francisco entendeu desde muito cedo que os discípulos de Jesus devem estar próximos dos pobres, dos menos favorecidos, daqueles que nada tem a oferecer, mas tem muito a ensinar. Isso faz parte do sonho de Francisco para a

Igreja, ou seja, que ela seja autêntica discípula de Cristo, se abra para o diferente, acolha o necessitado e saiba dialogar com o mundo respeitando as diferenças de credo e religião, dando mais atenção aquilo que une do que ao que divide.

O contexto latino americano do qual advém o Papa Francisco e o modo como este continente recepcionou o Vaticano II, tem grande influência no seu modo de ser e pensar a Igreja. Por isso deseja que a Igreja se “descentre cada vez mais de si mesma e se constitua como sinal de mediação da salvação e da misericórdia de Deus para a humanidade sofredora: uma Igreja e uma teologia descentradas de si mesmas, servidoras dos pobres, marginalizados e sofredores” (AQUINO JÚNIOR, 2019, p. 18).

É dentro desta perspectiva, e em profunda sintonia com o Vaticano II, que o Papa Francisco, no exercício do seu ministério, está sempre conclamando a todas as esferas da Igreja para que não se acomodem, não busquem ser auto referências, pelo contrário, estejam abertos para acolher o novo, encarar os desafios com confiança e esperança, agindo sempre com muita misericórdia. Para isso, é preciso que a Igreja não permaneça centrada em si mesma, mas se volte para fora, tornando-se cada vez mais missionária, de portas abertas e em saída.

Desse modo, percebemos que o Papa Francisco apesar de não ter tomado parte nos trabalhos conciliares, é um verdadeiro filho do Concílio, pois sentiu de perto a novidade que foi este evento que abriu as portas da Igreja para o mundo, escrevendo assim uma nova página da sua história. Agora ele tem a missão de continuar a pôr em prática a desafiante proposta do Vaticano II para uma Igreja sempre atualizada e radicalmente identificada com suas fontes e origem.

3 AS PRINCIPAIS INTUIÇÕES DO CONCÍLIO VATICANO II NO MAGISTÉRIO DO PAPA FRANCISCO

Sendo o Papa Francisco um legítimo fruto do Concílio Vaticano II, é consequente que a eclesiologia que marca o seu pontificado seja permeada pelas intuições conciliares. De modo que “sem pressupor isso descaracterizaríamos sua atuação, suas palavras e seus gestos, de modo que essa moldura conciliar é imprescindível para entender seu pontificado” (AURÉLIO, 2016, p. 192).

Nesse sentido, o Papa Francisco constantemente está fazendo menções a documentos conciliares em seus escritos, bem como as conferências episcopais dos diversos países, com destaque para a América latina, sobretudo a conferência de Aparecida realizada em 2007, da qual ele participou como redator. Por essa razão podemos dizer que “[...] a espinha dorsal da eclesiologia do Papa Francisco é fundamentalmente conciliar e Latino-americana, pois essa tradição teológico-pastoral representa uma forma seletiva e criativa da recepção e aplicação do Concílio num contexto próprio” (AURÉLIO, 20016, p. 194).

Uma das principais intuições apontadas por Francisco é com relação a compreensão da Igreja como povo de Deus, categoria esta que foi redescoberta pelo Vaticano II, é tanto que “Se nos perguntarmos a quem se refere Francisco quando fala da Igreja – que deve si mesma ao Evangelho da misericórdia e que é mãe, permitindo que o Deus misericordioso alcance a todos - a resposta aparece nítida: ao santo povo de Deus (REPOLE, 2018, p. 37). Para Francisco, “ser Igreja significa ser povo de Deus, de acordo com o grande projeto de amor do Pai” (EG, 114). Por isso na Igreja todos devem se sentir acolhidos, já que todos possuem a mesma dignidade mediante o batismo.

Cada um dos batizados independentemente da sua função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas ações (EG, 120).

Pelo batismo todo o Povo de Deus é discípulo missionário e deve anunciar ao mundo o projeto de amor de Deus para a humanidade. Na Igreja não existe superioridade de uns sobre os outros pois todos possuem igual dignidade, e nesse sentido, “Ninguém deve renunciar ao seu compromisso de evangelização porque se uma pessoa experimentou verdadeiramente o amor de Deus que salva, não precisa de muito tempo de preparação para sair e anuncia-lo” (EG, 120). Consequentemente, todos são destinatários da mesma vocação: a santidade.

Pondo-se, portanto, na perspectiva do povo de Deus, Francisco entende por Igreja a totalidade e a comunhão dos batizados, cuja dignidade é dada por ser filhos no Filho em força da unção do Espírito, que habita em cada um deles. Isto não tira nem diminui evidentemente, o sentido e a importância dos ministérios ordenados dentro do povo de Deus, mas determina de maneira evidente a função ministerial: eles são dentro da Igreja, a serviço do seu existir. A sua razão de ser não é, portanto, para se procurar “em si e para si”,

mas o serviço pastoral ao povo do qual faz parte e que lhe chama a estar em estreito contato com os outros cristãos (REPOLE, 2018, p.43).

O Papa Francisco entendeu muito bem o apelo do Vaticano II ao reafirmar a identidade missionária da Igreja, por isso insiste na compreensão de uma Igreja toda ministerial, não centrada na hierarquia que muitas vezes acaba embargando a missão. É preciso, de fato, assumir a missão de discípulos missionários saindo do comodismo e indo ao encontro daqueles que se encontram afastados e caídos a beira do caminho. Para isso, a dimensão do cuidado e da misericórdia é essencial em todos os âmbitos, pois, “Aquilo que a Igreja é chamada a anunciar é o Evangelho da misericórdia que a faz ser, do qual vive e pelo qual é constantemente evangelizada” (REPOLE, 2018, p. 60).

Não obstante, é necessário usar o remédio da misericórdia e não o da severidade como afirmou João XXIII na abertura do Concílio Vaticano II. Nas palavras de Francisco “A Igreja deve ser o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho” (EG, 114). Ao proclamar para toda a Igreja o ano da misericórdia, quis mostrar de maneira muito clara que sua missão no mundo é “anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho, que por meio dela deve chegar ao coração e a mente de cada pessoa. A esposa de Cristo assume o comportamento do Filho de Deus, que vai ao encontro de todos sem excluir ninguém” (MV, 12).

Não obstante, seguindo o horizonte do Vaticano II no que diz respeito ao primado da Palavra de Deus, o Papa Francisco afirma: “a Sagrada Escritura é fonte da Evangelização. Por isso é preciso formar-se continuamente na escuta da Palavra. A Igreja não evangeliza, se não se deixa continuamente evangelizar” (EG, 174). Daí resulta a insistência para que todo o povo de Deus se aprofunde nas Sagradas Escrituras a fim de criar intimidade com Jesus e assumir as suas opções por um mundo mais justo e fraterno.

Dentro dessa busca por um mundo mais justo e fraterno está também o desejo e a luta do Papa Francisco em estabelecer um diálogo fraterno e harmonioso entre as diferentes denominações cristãs, credos e religiões. A unidade entre os cristãos tão desejada por João XXIII ao convocar o Concílio Vaticano II, também é uma marca do Papa Francisco ao nos recordar que somos todos companheiros de uma mesma estrada e devemos aprender uns com

os outros, “Sob essa luz, o ecumenismo é uma contribuição para a unidade da família humana” (EG, 245).

No entanto, é preciso ir além, dialogar também com os crentes de outras religiões, sendo que “Uma atitude de abertura na verdade e no amor deve caracterizar o diálogo com os crentes das religiões não cristãs, apesar dos vários obstáculos e dificuldades, de modo particular os fundamentalismos de ambos os lados” (EG. 250). Assim, através de um diálogo cordial, sem preconceitos e discriminações estamos mais perto do sonho de Deus para toda a humanidade, ou seja, um mundo um mundo sem males, onde reine a justiça e a paz.

Mediante ao que foi exposto, percebemos que no magistério do Papa Francisco está contida as principais intuições do Concílio Vaticano II, sobretudo na maneira de compreender a Igreja como sendo a comunhão entre todos os batizados que fazem parte de um único povo, o povo de Deus. A partir disso, Francisco sonha e luta por uma Igreja acolhedora que seja casa da misericórdia; pobre para os pobres; alicerçada na Palavra de Deus; em constante diálogo com o mundo com as ciências e com as religiões. É de fato uma nova era de recepção das intuições do Vaticano II, dado que o Concílio não pode ser encarado como um ponto de chegada, mas de partida e são muitas as tarefas ainda inconclusas que aos poucos vão sendo despertadas pela audácia do Papa Francisco.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo que foi exposto, as intuições mais autênticas do Concílio vaticano II parecem terem encontrado solo fértil no pontificado do Papa Francisco. Assim como o continente latino-americano que recebeu o Concílio com maior vivacidade e disposição para realizar as reformas que eram precisas na Igreja, Francisco, o papa originário desse continente, abriu espaço para que o vento do Espírito renovasse as estruturas eclesiais.

No magistério de Francisco, percebemos com intensidade as perspectivas eclesiológicas do Vaticano II. Aparecem com mais ênfase categorias eclesiais como o povo de Deus, identidade missionária, que usa o remédio da misericórdia. Além disso, resgata-se o primado da Palavra de Deus, o diálogo com as outras religiões, dentre tantos outros aspectos que foram pensados no Concílio.

Estamos, portanto, diante de uma nova primavera eclesial, de abertura para a novidade do Espírito e disposição para realizar as mudanças que são necessárias em tantas estruturas caducas que não correspondem mais a evangelização do nosso tempo. O caminho a ser percorrido ainda é longo, mas o aceno dado pelo pontificado de Francisco alimenta a esperança de uma Igreja verdadeiramente comprometida com o Reino de Deus.

REFERÊNCIAS

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **Teologia em saída para as periferias**. São Paulo: Paulinas; Pernambuco: UNICAP, 2019.

AURÉLIO, Marlos. **A Igreja do Papa Francisco à luz do Vaticano II**. São Paulo: Santuário, 2016.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***. São Paulo: Paulinas, 2017.

FRANCISCO, Papa. ***Misericordiae Vultus***. São Paulo: Paulus, 2015.

REPOLE, Roberto. **O sonho de uma Igreja evangélica: A eclesiologia do Papa Francisco**. Brasília: CNBB, 2018.